# José Sombra, Professor de Filosofia

**DJACIR MENEZES**

I

Suponho que minha geração do Liceu, que concluiu o chamado "curso integral" em 1925, não pode passar na praça dos Voluntários sem tristeza e sem vago sentimento de hostilidade contra o governo do interventor Menezes Pimentel. Porque o casarão glorioso, frente àquelas mongubeiras frondosas, a cujas sombras a mocidade se agrupava para estudar problemas de matemática ou de textos de Vergílio, foi demolido no governo daquele respeitável professor para ser transformado num departamento de polícia. E só nos corações restou a saudade daquela praça rumorosa de estudantes. Dirão que me deixo levar por sentimentalismo piegas. Responderei que devemos distinguir: esse sentimentalismo é fonte de inspiração de administradores inteligentes, que, noutros países têm construido a tradição universitária mais perdurável e mais significativa. E o mais curioso é que o autor da tristonha medida era um dos expoentes exemplares do conservadorismo e da veneração beata aos valores que rescendessem quaisquer odores de tradicionalismo.

As velhas mongubeiras pereceram, o velho casarão desapareceu. Passaram as sombras de mestres saudosos daqueles tempos: Armando Monteiro, Hermínio Barroso, Zezinho Studart, Joaquim Nogueira, José Sombra, Antonio Teodorico da Costa, Padre José Quinderé, tantos mais. Lembro particularmente, a figura desse excepcional padre Quinderé, que nos guiou por todo o terceiro ano de latim, no livro oitavo da ENEIDA: **Ut belli signum Laurenti**...

No quinto ano, minha turma tomou uma decisão arrojada: matriculou-se toda em Filosofia, que era cadeira facultativa. Eu

tinha lá certas razões íntimas para fazê-lo: andava então embrenhado, com José Agostinho Nogueira, na ORIGEM DAS ESPECIES, de Darwin, descobrimos Ernesto Haeckel e Le Dantec. Queriamos substituir, com emocionante entusiasmo, a Teologia pela Zoologia: o macaco nos parecia mais digno, na sua ascenção, que Adão, na sua queda. Tomavamos partido na dissidência entre o bruto, que se racionalizou, e o racional, que prevaricou. E imediatamente pressentimos, naquela aula, o ambiente polêmico, onde os problemas das origens antropológicas teriam o tratamento adequado. Nós, já estraçalhadores de mitos, ardiamos de curiosidade genealógica.

José Agostinho, que foi o meu companheiro de A IDÉIA, (órgão liceista que abandonara a poesia amorosa para salvar a pátria e resolver todos os enigmas herdados) era de feitio intelectual inteiramente diverso: minha facilidade intuitiva se maravilhava ante sua capacidade lógica. Entrara no Liceu com alma de filho mariano, que os pais, muito religiosos, estimulavam; e benzia-se, perturbado, diante de algumas heresias, que colegas desabusados proferiam **SUB TEGMINE MONGUBEIRAE.** O terceiro ano foi fatídico à sua crença. E o instrumento do destino (ou a arma do Diabo, astucioso, afiando o gume e aproveitando a distração de Deus, lhe depoz às mãos) foi a ZOOLOGIA, de Remy Perrier. Num mês de estudo, se fora todo o catecismo do adolescente. É assim forte o vento do inferno.

Não sei se nos atribuimos vaidosamente excesso de força persuasiva: mas a turma entrou, graças à nós dois, quase compacta — eramos trezel — para a aula de Filosofia, aumentando voluntariamente, de mais uma disciplina, os encargos escolares.

A surpresa seria, entretanto o professor.

Chamava-se José Sombra.

## II

O que primeiro despertava a admiração do aluno, no convívio com José Sombra, era o trato extremamente delicado, uma afabilidade revestindo indiscutível competência. Jamais um de nós se atreveu a romper o silêncio e a disciplina da classe durante sua preleção, como acontecia com tantos outros professores, que rugiam de autoridade e expulsavam alunos. A sua bondade inteligente não era debilidade comodista — e irradiava a força moral que garantia sagazmente a disciplina e a atenção.

José Sombra era um espiritualista na mais nobre e superior acepção da palavra. Nunca um mestre me impressionou tanto no exercício da cátedra. Expondo uma doutrina, qualquer que fosse,

era de uma probidade inatacável. Lembrava as exposições escritas de Farias Brito, que ele admirava e sobre o qual versava sua tese para a Faculdade de Direito. O método porque abordava o sistema de Kant, de Fichte, de Hegel, de Descartes, de Spinoza, mostrava a sua meditação continuada e direta dos textos e não a assimilação do bocado feito no guizado dos compêndios. Fiquei intrigado com o compêndio adotado: era o **Manual de Filosofia,** de Lahr, todo repassado daquele tomismo pedagógico que iria encontrar mais tarde em Sortais, em Paul Janet e noutros discípulos do **doctor angelicus.** Sentia a distância que se cavara entre o meu biologismo evolucionista e aquela corrente desconhecida, que manava de fontes medievais, e onde boiavam mistérios saídos da teologia e de suas advertências remotas. Fascinava-me o Mestre: ele não impingia o que parecia inaceitável a um cientificismo ainda desarmado em face de sua cultura excepcional.

III

Depois de concluído o curso, já mais familiarizado com autores de primeira grandeza na Filosofia, foi que minha intimidade intelectual com José Sombra me permitiu apreciar melhor seus raros dotes de espírito. Estes ainda mais ressaltavam devido o contraste de nossas predileções filosóficas, inteiramente diversas. E o seu sorriso, onde às vezes julguei entrever uns lampejos de ironia, que a bondade não apagava de todo, acolheu muitas objeções que eu retirava, com entusiasmo e com pressa, de minhas leituras de Le Dantec, de Ingenieros, de Lange. Ele, fingindo de impressionado, ouvia atentamente, aparando o ímpeto, como se concordasse; e a seguir, ia mansamente sugerindo a primeira dúvida, que engrossava e se ramificava em outras maiores, de onde começavam a brotar contradições, dificuldades, incertezas: e logo a minha massiça objeção, como um pômo traiçoeiramente bichado, se esfarelava às mãos daquele "raisonneur" suave, com as maneiras tímidas de quem quase pedia desculpa do esfacêlo.

O meu arsenal de autores era pequeno e minha capacidade de argumentar não podia enfrentar quem cuidosamente lera a CRÍTICA DA RAZÃO PURA. Destas minhas recordações sobre os pensadores, que debatíamos, ficou-me a impressão de que foi Kant o que mais o fascinou. Não o ouvi jamais fazer referências detidas sobre Hegel. Creio mesmo que não o considerou devidamente, seguindo, nesse particular, a opinião de Farias Brito. Mas Kant mereceu-lhe leitura demorada, com estações de repouso meditativo em várias passagens da obra. Quando, certa vez, lhe contrapuz Haeckel, com insolência dos 18 anos, José Sombra sorriu: e depois de lu-

minoso esclarecimento, concluiu dizendo que eu teimava em iluminar o problema, posto sob os raios dum sol, acendendo laboriosamente um fósforo!

Antes de me compenetrar desta verdade, queimei os dedos com muitos fósforos.

IV

Os anos correram, fui concluir o curso de Direito no Rio, regressei bacharel, em 1930. E ainda espantado com o fracasso da Revolução, comecei, com Melo e Silva e Mateus Coutinho, a doutorar-me na nossa Salamanca. Queria ter o diploma da Faculdade fundada por Tomaz Pompeu. E de novo reencetei as palestras com José Sombra.

Encontrei-o uma vez, no bonde, vindo da praia para a praça, em 1931; eu acabara de ler recentemente as **PROPOSICIONES RELATIVAS AL PORVENIR DE LA FILOSOFIA**, de José Ingenieros, e estava encantado com aquela definição da Metafísica como "sistema de hiperhipóteses em formação contínua", espécie de superestrutura ideológica do conhecimento científico, em função do qual estava em permanente ebulição. Imediatamente o Mestre começou a discorrer sobre o grande portenho, em quem reconhecia uma das maiores personalidades culturais da América Latina: e espantei-me de que soubesse tanta coisa sobre a vida do argentino!

Andava eu então redigindo com um civismo cheio de urgência, o meu primeiro livro, intitulado DIRETRIZES DA EDUCAÇÃO NACIONAL — e ninguém me parecia mais digno de fazer o prefácio que José Sombra. Desde aluno do Liceu que escrevia açodadamente, cumprindo a máxima do **nulla die sine linea**. No O CEARÁ, de Matos Ibiapina, fui articulista violento e cotidiano, resolvido a salvar a pátria a bico de pena e em pouco tempo. Essa participação na luta política interessava José Sombra apenas como observador filosófico. Repugnava-lhe a aspereza da luta política e a ignorância da tribuna popular. Não lhe escapou a feição desse meu primeiro livro, publicado à custa de meu Pai, o maior incentivador de tudo que fiz na vida até hoje. Dizia ele naquelas páginas liminares que o tom frio do técnico, que examina problemas pedagógicos, fora desmanchado pelo ardor do jornalista, que prega suas idéias. E acrescentava:

"Em meio da crise contemporânea, tão assoberbante em todos os quadros da vida humana, todos apelam para as forças e virtudes da educação — filósofos e políticos, sociólogos e higienistas,

teólogos e sábios de laboratórios, moralistas e pedagogos. Por isso mesmo, a ciência da educação é o campo mais fértil e sugestivo da atividade mental hodierna. Parece que sobrava razão ao esquecido Kant, quando sentenciava que a educação é o maior e o mais árduo problema proposto ao homem. Nenhum, com efeito, de maior responsabilidade e de mais graves consequências para o destino humano."

"Se disso resulta o seu universal interésse, também decorre uma grande confusão nas teorias educativas, e que nunca foi maior do que na época atual."

"Nesse gigantesco debate do século, o dr. Djacir não se apresenta como técnico, mas como ideólogo, como apaixonado por novas formas de organização social. Filiado à corrente do positivismo científico, sobretudo através das generalizações de Le Dantec e de Ingenieros, o autor deste ensaio de filosofia educacional, visa sobretudo aplicar à pedagogia as leis biológicas, na confiança um tanto ingênua, me parece, de que a ciência experimental pode resolver os mais complexos problemas sociais, e satisfazer os mais fundos anseios humanos".

José Sombra morreu, meses depois do livro sair, num estúpido desastre de onibus, quando eu ainda preparava outro trabalho de que já lhe falara — O PROBLEMA DA REALIDADE OBJETIVA. Vários pontos discutira com ele, que aguardava a publicação com carinhosa espectativa. Era um imperativo de amizade escrever-lhe o nome na primeira página. E assim dediquei-o à sua memória, certo de que ninguém cultivou a especulação filosófica, nestes anos de tanta miséria moral, com mais pureza de coração e mais dignidade de inteligência.